

Danças, tambores e festejos:
Aspectos da cultura popular negra em Florianópolis do final do século XIX ao século XX.

Jaime José Santos Silva
Universidade Federal de Santa Catarina
jaimehist@yahoo.com

Resumo: Tantas vezes motivo de preocupação para as autoridades, as festas populares negras estiveram muito presente em Santa Catarina e em Florianópolis. Com seus festejos acompanhado de danças para coroação de Reis e Rainhas em homenagem a Nossa Senhora do Rosário, o que se viu na Ilha de Desterro foi, quanto mais a cidade se modernizava mais reprimida e isolada ficava esta festividade do catolicismo popular negro. Eis que em 1930, com a chegada “Cacumbi do capitão Amaro” no Morro da Caixa, há um novo momento de celebração religiosa, porém agora com seus símbolos e estilos modificados pelo impacto da modernidade.

Palavras chave: Cacumbi. Festas. Danças. Tambores. Catolicismo. Popular. Negro. Preconceito. Resistência. Cultura.

Title: Dances, tabours and festivities: Aspects of the black popular culture in Florianópolis since the end of XIX century to XX century

Abstract: As many times reason of concern for the authorities, the black popular parties had been very present in Santa Catarina and Florianópolis. With its parties followed of dances for crown of Kings and Queens in honor Nossa Senhora do Rosário, what if she saw in the Island of Desterro was, the more the city if modernized more restrained and isolated it was this party of the black popular Catholicism. Here it is that in 1930, with the arrival “Cacumbi do Capitão Amaro” in the Morro da Caixa, it has a new moment of religious celebration, however now with its symbols and styles modified for the impact of modernity.

Key words: Cacumbi. Parties. Dances. Tambores. Catholicism. Black. Preconception. Resistance. Culture.

*O dono da casa
Mandou me chamar
Com sua licença
Queremos chega
A calçada é alta
Não posso “assubi”
Tem pedra miúda
Pudemos cair¹*

O artigo que apresento busca compreender o significado do cacumbi² enquanto fenômeno cultural, dentro de um contexto histórico e social em Santa Catarina, principalmente na Ilha de Florianópolis. Em Santa Catarina, foi recorrente na historiografia o predomínio das características européias, onde a presença dos negros durante muito tempo foi registrada de uma forma que os deixaram “invisíveis”, anulando suas formas organizativas e culturais.

Apoiado em estudos de historiadores contemporâneos, preocupados em dar mais ênfase na pluralidade dos modos vida, nas relações sociais e culturais; e munido de documentos que registram a presença da dança do cacumbi em Florianópolis busco com este tema, apresentar um dos aspectos da cultura popular dos afro-descendentes e também entender melhor a realidade e a organização destas populações no Estado, em especial Florianópolis.

O cacumbi esteve sempre ligado ao catolicismo popular negro, de norte a sul do Brasil, também conhecido como catumbi ou quicumbi, ele sempre apresentou características semelhantes em suas trovas, bandeiras, roupagens, tambores e espadas, instrumentos presentes na dança. Tinha por objetivo, fazer a coroação de seu rei e de sua rainha e homenagear com trovas e procissões Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Os primeiros registros da coroação de reis e rainhas são de 1674 em Recife.³

Desde os primórdios da escravidão no Brasil, a Igreja Católica teve papel fundamental na organização e controle dos escravos e, como uma alternativa para este

¹ Verso do cacumbi da Capitão Amaro que demonstra o momento das suas visitas às casas.

² Cacumbi: manifestação ligada aos descendentes de africanos no Brasil e ligados ao catolicismo popular. Informação retirada do livro: ALVES, Jucelia Maria; LIMA, Rose Mery de; ALBUQUERQUE, Cleidi. **Cacumbi**: um aspecto da cultura negra em Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC: Secretaria da Cultura e do Esporte, 1990.p. 15

³ CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1969. Apud ALVES, Jucelia Maria; LIMA, Rose Mery de; ALBUQUERQUE, Cleidi. **Cacumbi**: um aspecto da cultura negra em Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC: Secretaria da Cultura e do Esporte, 1990. p. 30



controle, ofereceu a oportunidade para os escravos integrarem os santos católicos com suas crenças trazidas da África.

O conteúdo dessas festas africanas no ritual católico não serviu apenas para os negros extravasarem suas tradições religiosas e estéticas. Para os brancos o espetáculo serviu de instrumento de dominação, através do ensinamento social e político. Assim através da coroação de reis e imperadores negros, cantorias e coreografias, o negro aprendia que sua posição hierárquica era sempre inferior. Sua possibilidade criativa e de poder se limitava a esses momentos sérios. Ser rei ou rainha só era possível fora da realidade, na festa.⁴

Neste sentido, a criação de Irmandades para os escravos, sempre com a proteção de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, trouxe um espaço para o negro, onde este poderia por intermédio do cristianismo, preservar um pouco de seus costumes, ao mesmo tempo em que para os brancos trazia a “tranqüilidade” de estar garantida a presença dos africanos próxima aos cultos cristãos, pois, caso contrário, eram considerados “perigosos” para ordem econômica e social. Mais do que festividade, as irmandades formaram um espaço de solidariedade e reivindicações sociais para os negros.

Em Santa Catarina também existiu e ainda existe, as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito, desde de 1750 se tem registros dessas instituições, em Desterro a construção da igreja de Nossa Senhora do Rosário finalizou em 1830.⁵ Elas exerciam funções características com o resto do país.

Ao lado das atenções de ordem espiritual a Irmandade tomou iniciativas caritativas, como compra de cartas de alforria para seus membros escravos, através de sorteio; curso de alfabetização para os filhos dos membros da Irmandade, diária para enfermos e pensão para inválidos.⁶

Parto dessas considerações acerca da Irmandade do Rosário, para procurar a sua ligação com o cacumbi em Santa Catarina. Até onde minhas pesquisas alcançaram o cacumbi em Florianópolis teve seus primeiros relatos em 1954, foi registrado por Walter

⁴ Jucelia Maria; LIMA, Rose Mery de; ALBUQUERQUE, Cleidi. Op. Cit., p23.

⁵ CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1969. Apud Jucelia Maria; LIMA, Rose Mery de; ALBUQUERQUE, Cleidi. Op. Cit., p. 26.

⁶ Jucelia Maria; LIMA, Rose Mery de; ALBUQUERQUE, Cleidi. Op. Cit., p. 26.

Piazza, na localidade de Cachoeira, cerca de 50 quilômetros de Florianópolis.⁷ Segundo Piazza, a prática da dança é uma resposta ao preconceito provocado pela discriminação racial, na qual não permitiam a presença de negros na festa dos brancos, assim existia os “bailes de negros” e os “bailes de brancos”. “E, ao nosso ver, é esta discriminação um dos fatores na sobrevivência do ‘quicumbi’, no caso em foco, seria a reação contra o isolacionismo imposto pelos brancos.”⁸

O preconceito, que tende a provocar este isolacionismo, é uma marca da herança de um país colonial, que têm suas raízes nos mais de trezentos e cinquenta anos de escravidão, o que deixou fortes seqüelas entre as relações de grupos sociais diferenciados. E mesmo com a independência isto pouco mudou.

Tampouco a abolição no Brasil trouxe para o país a possibilidade de defesa de uma sociedade multirracial, dando igualdade para negros e brancos. O que se viu com a emancipação foi um abandono dos descendentes de africanos, deixando-os na miséria e no desamparado.⁹ Desta forma, a discriminação vai além das relações escravistas do período colonial.

“Suas origens podem ser encontradas nas diferenças de organização social e tradição existente na África e na Europa, diferenças estas que foram racionalizadas à medida que a expansão do capitalismo assegurou a dominação dos brancos de origem européia. Por este modo uns passaram a se considerar como civilizados, reduzindo os outros a exemplos de ignorância e selvageria.”¹⁰

Neste sentido os africanos, com suas festas e costumes, aos olhos de uma sociedade conservadora eram vistos como bárbaros e incivilizados. No século XIX em Desterro as festas de coroação de reis africanos eram “caso de polícia”. “Apesar do compromisso de 1842 abolir a eleição de rei e rainha e dos registros da Irmandade realmente apontarem para a descontinuidade desta prática no âmbito da Irmandade do Rosário, temos notícia de que

⁷ PIAZZA, Walter F. **O Quicumbi**. In: Boletim Catarinense de Folclore, n° 17/19, ano V. Dezembro de 1953 a Junho de 1954. p. 17.

⁸ Idem

⁹ PEDRO, Joana et al. **Negro e terra de branco**. Escravidão e preconceito racial em Santa Catarina no século XIX. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988. p 8

¹⁰ Ibidem, p 9.



em janeiro de 1843 “o divertimento de cantar os reis (...) em noites consecutivas conservaram em alvoroço a cidade.”¹¹

Esta questão refletiu na legislação. Em 1845, o art. 38 do código de posturas de Desterro especificava: “Ficam proibidos d’aqui em diante os ajuntamentos de escravos, ou libertos para formarem batuques; bem como os que tiverem por objectivos os supostos reinados africanos, que, por festas, costumam fazer.”¹² Em 1888, ano da abolição, as autoridades mantinham-se irredutíveis quanto a aceitação das festas, no Código de Posturas da Capital também ficava proibido, “Fazer sambas ou batuques quaisquer que sejam as denominações, dentro das ruas da cidade ou das povoações”¹³

João José dos Reis se propôs a estudar a atitude dos brancos, dos senhores e das autoridades diante destas festas, sua pesquisa se concentrou na Bahia na metade do século XIX. Para ele, as festas eram vistas como um duplo significado, sendo encarado de modo diferente pelas autoridades, para alguns era uma maneira de aliviar as tensões cotidianas da escravidão. Para outros estas festas representavam o seio da revolta social, um espaço para a resistência cultural e política, perigosas para a desordem pública.¹⁴

Estas considerações estavam em jogo em desterro na segunda metade do século XIX, pois mesmo com considerações feitas principalmente por Cardoso e Ianni¹⁵ acerca de uma escravidão distinta e “insignificante”, por não apresentava características do “sentido de colonização”, ou seja não estava inserida nos mecanismos comerciais externos. Isto acabou firmando uma visão inexpressiva da presença africana na ilha. Porém os números apontados por eles mostram Desterro em meados de 1850 com uma população de 20.016 pessoas, onde 3.978 eram cativas. Já em 1872 os cativos representavam 23.91% da população da Ilha e Santa Catarina.¹⁶ Se levarmos em conta a cidade em si – algo que Cardoso e Ianni não se preocuparam nas suas análises - podemos observar uma outra

¹¹ Arquivo Histórico Municipal de Florianópolis, Registro da Correspondência da Câmara Municipal, 1840/1843. NA N°85 (143 B.C). Ofício Da Câmara municipal de desterro para o presidente da Província, 25/01/1843. Apud MAMIGONIAN, Beatriz G. **Escravidão em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica(1750-1850)**. p 16. In: Seminário internacional “Nas rotas do Império: Eixos Mercantis, Tráfico de Escravos, Relações Sociais no Mundo Português”, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, junho de 2006

¹² Desterro, Código de Posturas. Lei n. 222 de 10 de maio de 1845.

¹³ Desterro, Código de Posturas. Título 5°. Cap. 2. Art.130 par. 2 de 22 de outubro de 1888.

¹⁴ REIS, João José. **Tambores e temores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX**. pg 102.

¹⁵ CARDOSO, Fernando Henrique. IANNI, Octávio. **Cor e mobilidade social em Florianópolis**. São Paulo, Nacional, 1960.

¹⁶ Idem



imagem que nos leva a questionar esta “invisibilidade”.¹⁷ Historiadores contemporâneos catarinenses se mostram preocupados em questionar esta imagem de escravos como agentes passivos.

Havia as quitadeiras, as quais vendiam suas mercadorias em quitandas ou tabuleiros espalhados pela cidade, as cozinheiras, as ama-de-leite. Alguns escravos trabalhavam na iluminação pública, no transporte marítimo, como armadores ou até mesmo como jornaleiros, carregadores de mercadoria de dia e à noite dos excrementos da casa.¹⁸

Era perceptível a presença negra na Ilha e a preocupação das autoridades em estabelecer normas de conduta, isto limitava as manifestações culturais dos negros e na maioria das vezes, eram rotuladas como bárbaras e impróprias para uma cidade que estava se modernizando e se consolidando como centro urbano. Todo esse contexto gerava para os negros a perda de seu espaço simbólico.

Dentro da própria Irmandade do Rosário houve esta perda, pois com a presença de libertos e pardos dentro da instituição, a mudança de valores era uma consequência inevitável. Em nome da valorização de novas condutas, se eliminou práticas antes exercidas pelos negros desde o período colonial.¹⁹ Isto Stuart Hall chama de *sistema de representação cultural*, onde uma comunidade ou nação não é apenas uma instituição política mas também algo que produz sentidos, onde as identidades não são coisas nas quais se nasce com elas, mas são formadas e modificadas no interior da representação.²⁰

As festas de coroação de reis e rainhas em Florianópolis não possuem o termo *cacumbi* em seus documentos. Este nome era dado pelos próprios negros, que pelo desconhecimento das autoridades representavam as coroações por *festas e batuques*. Em sua descrição do cacumbi para a Revista Catarinense de Folclore, Piazza relata através da informação do “capitão” Gregório André que, “Em outros tempos, participavam desta

¹⁷ CARDOSO, Paulino de J. MORTARI, Claudia. **Territórios negros em Florianópolis no século XX.** Pg90. In: BRANCHER, Ana, org. **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos.** Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1999, 214 p.

¹⁸ Ibidem, p 88.

¹⁹ MAMIGONIAN, Beatriz G. Op. Cit. Pg 19

²⁰ HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2006, pgs. 48-49.



dança: ‘rei’, ‘rainha’, juizas, também a ‘coroação’. Hoje estes personagens e a cerimônia não figuram mais no quicombi.”²¹

Estas considerações foram feitas por Piazza em 1954 na localidade de Cachoeira, portanto a dança do cacumbi permaneceu viva em localidades de características rurais, apresentando algumas semelhanças com as práticas antigas deste festejo religioso. No século XX em Florianópolis a prática do cacumbi é mais conhecida como o “Cacumbi do Capitão Amaro”, ele foi constituído em torno do seu “capitão” que se chamava Amaro, o cacumbi representava uma manifestação desta população de negros que se localizavam no Morro da Caixa²². A ocupação deste local realizou-se em 1930, num período marcado pela imigração de negros da região e de outros estados do país.²³ “Ao se agruparem estes negros, acostumados no meio rural com o ritual do Cacumbi, apoiados pela igreja e provavelmente pelos patrões, seguiram aqui com o Cacumbi.”²⁴

Porém em Florianópolis por falta do apoio da Igreja este grupo resistiu com a dança até a década de 1950. Somente na década de 1970, com o apoio do folclorista Doralécio Soares, ele volta a se apresentar. Apresentava-se agora como um grupo “folclórico” nos festivais, em troca de pagamento para preservar o grupo.

O cacumbi do Capitão Amaro preservava as bandeiras, trovas, espadas e tambores, sendo possível identificar no ritual a presença do catolicismo popular. Mesmo assim, este grupo não esteve ligado à Irmandade do Rosário. A cena principal do Cacumbi do capitão Amaro é o motim dos marinheiros que pedem seu pagamento para o capitão.²⁵ Representado em trova.

“CORO
Ó sinhô, sinhô, sinhô capitão
Quede o dinheiro da nossa ração
O CAPITÃO
Já que tu não soubeste
Pra que na me dão
A metade do queijo
Fatia de pão
Vai timbora ‘sordadi’
Não me venha atentar (...)”²⁶

A dança era realizada todos os anos para homenagear Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. A coreografia era composta por duas alas de homens vestidos de marinheiros e uma mulher que carregava a bandeira. Sempre preservando em suas trovas termos

²¹ PIAZZA, Walter. Op. Cit. pg 20

²² ALVES, Jucelia Maria; LIMA, Rose Mery de; ALBUQUERQUE, Cleidi. Op. Cit. Pg. 50

²³ CARDOSO, Paulino de J. MORTARI, Claudia. Op. Cit. Pg 93

²⁴ ALVES, Jucelia Maria; LIMA, Rose Mery de; ALBUQUERQUE, Cleidi. Op. Cit. Pg 52

²⁵ Ibidem. Pg 54



africanos, que no passado serviam como estratégia de comunicação entre os negros africanos e uma maneira de preservar suas crenças trazidas da África.

Há muito o que se pesquisar sobre o cacumbi em Santa Catarina e em Florianópolis. Ao longo da pesquisa, me deparei com poucas fontes a respeito do tema, mas percebe-se hoje com novos estudos a respeito da cultura negra em Santa Catarina a possibilidade de uma pesquisa mais aprofundada em relação ao festejos negros e sua relação com a sociedade. O que pude perceber é que esses festejos, muita vezes vistos como algo incivilizado em diferentes épocas, é hoje uma manifestação que desempenhou e desempenha uma função social de grande importância.

Com o impacto da modernidade, seus símbolos e estilos se modificaram, porém o significado social e cultural, que produz um sentido de coletividade permanece ao longo do tempo. Preservar, conhecer e estudar, é valorizar a riqueza cultural que tanto contribuiu para a história do Brasil e de Santa Catarina.

Referências bibliográficas.

ALVES, Jucelia Maria; LIMA, Rose Mery de; ALBUQUERQUE, Cleidi. **Cacumbi**: um aspecto da cultura negra em Santa Catarina. Florianópolis: Ed. da UFSC: Secretaria da Cultura e do Esporte, 1990. 72 p.

CARDOSO, Fernando Henrique. IANNI, Octávio. **Cor e mobilidade social em Florianópolis**. São Paulo, Nacional, 1960.

²⁶ Idem.

CARDOSO, Paulino de J. MORTARI, Cláudia. Territórios negros em Florianópolis no século XX. In: BRANCHER, Ana, org. **História de Santa Catarina: estudos contemporâneos**. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1999, 214 pg.

Desterro, Código de Posturas. Lei n. 222 de 10 de maio de 1845.

Desterro, Código de Posturas. Título 5°. Cap. 2. Art.130 par. 2 de 22 de outubro de 1888.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2006, 102 pg

MAMIGONIAN, Beatriz G. Escravidão em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica(1750-1850). In: **Seminário internacional “Nas rotas do Império: Eixos Mercantis, Tráfico de Escravos, Relações Sociais no Mundo Português”**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, junho de 2006.

PEDRO, Joana et al. **Negro e terra de branco**. Escravidão e preconceito racial em Santa Catarina no século XIX. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988, 64 pg.

PIAZZA, Walter F. O Quicumbi. In: **Boletim Catarinense de Folclore**, nº 17/19, ano V. Dezembro de 1953 a Junho de 1954.

REIS, João José. **Tambores e temores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX**..